

Vilas Operárias em Mutação: o caso das vilas na Vila Mariana

Mutation in Workers Villages: the case of the villages in Vila Mariana

Luiza Amaro Azuma¹

Carolina Bacelar Sanches²

Prof. Msc. Antonio Rodrigues Netto³

RESUMO

Durante o primeiro quarto do século XX o bairro da Vila Mariana recebeu muitos imigrantes italianos, que estabeleceram pequenas fábricas, comércio especializado e serviços, em razão de conhecimentos trazidos na sua bagagem e fundados no aproveitamento de oportunidades, especialmente dadas pela existência ali do Matadouro Municipal.

Às pequenas fábricas se somou a construção de vilas operárias, como forma de garantir o operariado para atender as necessidades de mão de obra da produção. Tais vilas permaneceram na forma quase original, em sua grande maioria, como moradia, comércio ou serviço após a desativação da fábrica.

Atualmente encontramos um conjunto significativo de espaços compostos por vilas ou parte delas integrando-se à malha viária do bairro. Esses espaços formam verdadeiros “oásis” internos às quadras, são disputados por moradores e por profissionais liberais que buscam a qualidade de vida na tranquilidade do interior de uma quadra.

Palavras-chave: Vilas Operárias; Configuração Urbana; Vila Mariana.

¹ Estudante do 8º semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo – FEBASP
Pesquisadora bolsista de Iniciação Científica
do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo – FEBASP
luiza.azuma@gmail.com

² Estudante do 8º semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo – FEBASP
Pesquisadora bolsista de Iniciação Científica
do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo – FEBASP
carolina_bacelar_sanches@hotmail.com

³ Arquiteto e Advogado pela Universidade de São Paulo – USP
Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP
Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas artes de São Paulo – FEBASP
Orientador de pesquisa de Iniciação Científica
do Centro Universitário Belas artes de São Paulo – FEBASP
antonio.netto@belasartes.br

1 INTRODUÇÃO

O bairro da Vila Mariana não foi o cenário pioneiro da construção de vilas operárias em São Paulo, mas a mutação que elas sofreram com o passar dos anos se difere do que ocorreu em demais bairros.

Vila Mariana era um bairro distante do centro, e pode-se apontar como fator inicial para o seu povoamento a vinda do Matadouro Municipal para a sua área, atraindo imigrantes italianos que faziam comércio de miúdo de bois antes situados no bairro Bixiga, onde era o antigo matadouro. Foi essencial também para a atração de novas indústrias e comércios a construção das linhas férreas, possibilitando o transporte das cargas para o centro, outros bairros e outras cidades.

Uma das primeiras fábricas do bairro foi a Fábrica de Fósforos, cujo o terreno onde se situava passou, até os dias de hoje, por diversas mudanças.

Próximo as fábricas que se instalaram na Vila Marina, muitas vezes até com ligação direta a elas, foram construídas vilas para moradia da mão-de-obra, sendo casas de no máximo dois andares e sem recuos frontais ou laterais.

Com a saída dessas fábricas os seus terrenos foram ocupados por outras construções, e as vilas assumiram um novo significado, cada uma delas passando por um processo de mutação diferente. Algumas foram totalmente demolidas e incorporadas ao novo traçado urbano, outras foram mantidas, com as mesmas casas reformadas ou com novas casas.

Apesar da dificuldade em se obter dados concretos sobre a mudança de valor imobiliário das casas em vilas operárias, foi possível, através de relatos de atuais moradores, obter informações suficientes para se chegar a conclusões plausíveis o seu alto valor social e ambiental atual.

2 LEVANTAMENTO HISTÓRICO

É concedido a Lázaro Rodrigues Piques uma sesmaria entre o ribeirão Ipiranga e a Estrada do Cursino, futuro bairro Vila Mariana, que começa a ser ocupado a partir de 1876 por imigrantes italianos e alemães designados a construção da via-férrea que ligava São Paulo a Santo Amaro com passagem pelo bairro. A população recebe um efetivo aumento após a mudança do Matadouro Municipal do Bixiga para o bairro, para atender a demanda de mão de obra e por atrair os tripeiros (comerciantes de miúdos).

Além do Matadouro Municipal existiram outras fábricas nesta área de estudo, como a de fósforos (na R. Domingos de Moraes, entre a R. França Pinto e a atual R. Joaquim Távora), a de banha (na R. Pelotas), a Duas Âncoras, fábrica de pasta para calçados (na R. França Pinto), a Brasil, fábrica de pianos (na R. Estela), a de sabão (na R. França Pinto) e a de chocolate e a cervejaria Guanabara. Apesar da considerável quantidade de fábricas na região, só foi achado documentação sobre o Matadouro Municipal e a Fábrica de Fósforos.

De 1930 a 1940 já haviam meios de transportes que ligavam o interior da região com as linhas férreas, fator que facilitou a ocupação destas áreas. Neste período quase todas as ruas principais já estavam habitadas.

2.1 A Evolução do Transporte de Cargas e Passageiros

Em 25 de janeiro de 1885 foi inaugurada a linha de tração animal, ligando a Rua São Joaquim ao Largo de Vila Mariana, passando pela atual Rua Domingos de Moraes.

Pequenas locomotivas Krauss á vapor em 13 de dezembro de 1885 substituíram os bondes de tração animal no trajeto entre a Rua São Joaquim e Vila Mariana, que em 1903 seriam também substituídas com a vinda do bonde elétrico.

A inauguração da estrada de ferro da Liberdade a Santo Amaro em 1886 foi locada sobre o antigo Caminho de Carro para Santo Amaro.

A linha férrea operou no transporte de cargas até 1914.

2.2 O Matadouro

A construção do Matadouro Municipal foi fundamental para a urbanização e povoamento da região. Com capacidade para um espaço maior, o Matadouro Municipal que se localizava no bairro Bixiga foi transferido para o bairro Vila Mariana, inaugurado oficialmente no dia 5 de janeiro de 1887, tendo como consequência a vinda dos imigrantes italianos que faziam comércio de miúdos, ocupando terrenos nas proximidades do Matadouro.

Antes mesmo de sua inauguração, foi construído um ramal de linha férrea ligando a Estação Vila Mariana na R. Domingos de Moraes ao local que se instalava o matadouro.

O Matadouro manteve a sua atividade até 1927, e após a sua passagem por outros usos foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico do Estado de São Paulo, e sedido pela prefeitura em 1989 para ser a Cinemateca Brasileira.

2.3 Fábrica de Fósforos

A Fábrica de Fósforos construída em 1888 foi a pioneira no bairro, ocupando um terreno com frente para a rua Domingos de Moraes, entre a R. França Pinto e a atual R. Joaquim Távora. Operou por 32 anos até 1920, onde quase todos os moradores do bairro na época trabalharam.

Com a demolição da fábrica o terreno foi dividido, e antes de ser utilizado para a construção de prédios de apartamentos foi ocupado por casas de comércio e o cinema Teatro Fênix.

3 ANÁLISE DA EVOLUÇÃO VIÁRIA

Para o desenvolvimento do estudo foi definida, através da análise do histórico e da leitura do mapeamento atual e antigo do bairro, uma área que abrange maior quantidade de quadros interessantes para a pesquisa. A área definida tem como perímetro as vias: Av. Vinte e Três de Maio, R. Vergueiro, R. Sena Madureira, Av. Pedro Álvares Cabral (Figura 1).

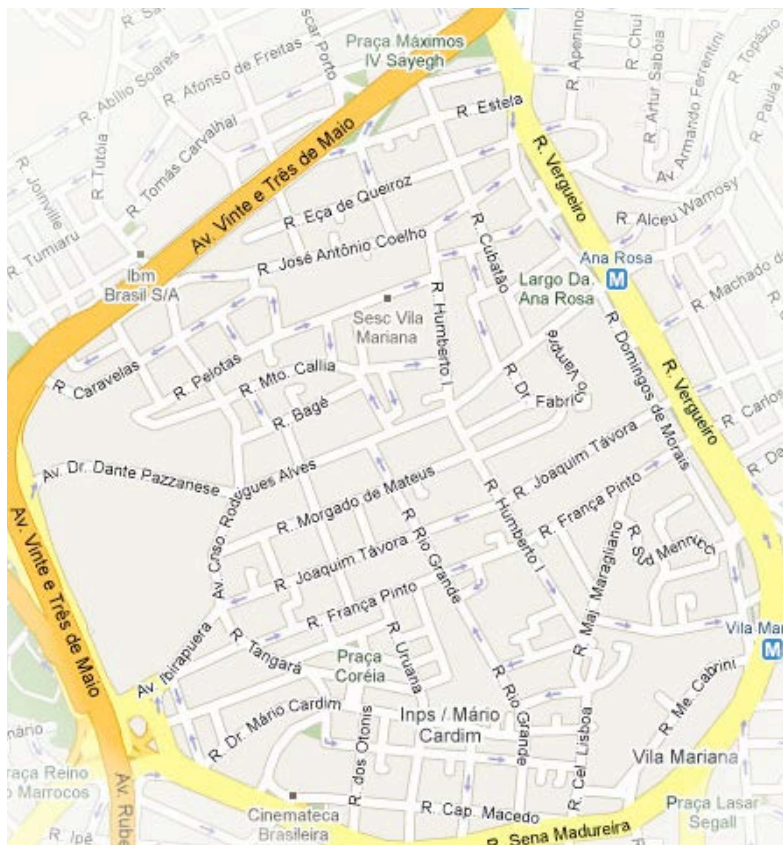


Figura 1

3.1 Comparação da malha viária entre 1905 e 1913

No período de 8 anos ocorreram mudanças significativas na malha viária como se pode observar na correlação entre os mapas de 1905 (Figura 2) e de 1913 (Figura 3). Dentre estas mudanças nota-se a ampliação da Rua Fontes Junior até a Rua do Cortume, por onde viria passar a linha de bondes elétricos para Santo Amaro. No mapa de 1913 (Figura 3), visualiza-se esta linha de bondes, partindo da Rua Domingo de Moraes e passando pelas Ruas Jabaquara e Humberto I, virando na Rua Fontes Junior e seguindo adiante em direção a Santo Amaro. A linha do bonde está representada no mapa pela linha vermelha contínua.

Outra grande mudança é o projeto e futura construção de arruamento (representado no mapa de 1913 -Figura 3- pelas linhas pretas tracejadas) entre a Rua do Cortume, Rua Pelotas, Rua Humberto I e a Rua Fontes Junior, que mostra uma necessidade de aumento da malha viária e de lotes para moradia e outros usos.

Por outro lado, não houve grande aumento na ocupação do solo, representado no mapa de 1905 (Figura 2) pela hachura cinza e no mapa de 1913 (Figura 3) pela hachura laranja.



Figura 2

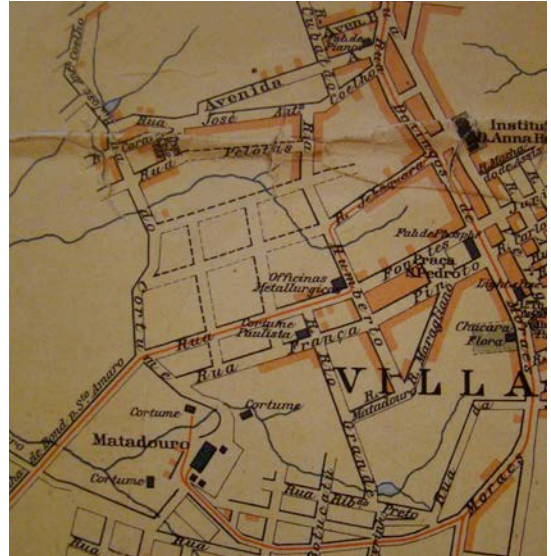


Figura 3

3.2 Comparação da malha viária entre 1913 e 1916

As ruas em projeto e/ou construção observadas no mapa de 1913 (Figura 3), 3 anos depois já estão consolidadas, ainda que com algumas alterações, como pode-se visualizar no mapa de 1916 (Figura 4). Além dessas ruas, nota-se uma ampliação na malha viária nesse mesmo período, em direção a região sudoeste, avançando a ocupação na direção do córrego ali existente. Em 1916 já havia ocorrido a saída da Fábrica de Fósforos, localizada entre a Rua Domingos de Moraes, Rua França Pinto e a Rua Fontes Junior.



Figura 3



Figura 4

3.3 Comparação da malha viária entre 1916 e 1951

Neste período de 35 anos se consolida a ocupação horizontal da área em estudo, como se pode observar na correlação entre os mapas de 1916 (Figura 4) e de 1951 (Figura 5). A essa época, 1951, já havia ocorrido a desativação das fábricas e das linhas férreas de carga.



Figura 4



Figura 5

4 INVENTÁRIO DE VILAS

Foi feito um levantamento fotográfico para análise de casos específicos de ruas com configurações que sugerem ter sido uma vila operária, e com este material, o levantamento histórico e relatos de moradores definir se esta realmente foi uma das vilas operárias da região.

4.1 Rua Rino Peralini

Apesar da rua nos sugerir uma configuração de vilas por não ter saída, ser estreita e terminar em um grande terreno (Figura 6), as casas possuem recuos frontais e laterais (Figura 7), seguindo as leis de recuo que não existiam na época da construção de vilas operárias, por

relatos de moradores também não há comprovantes de que esta rua foi um dia uma vila operária.

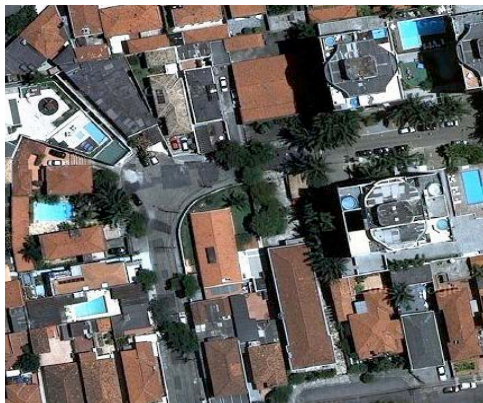


Figura 6



Figura 7

4.2 Rua Jorge Tortuce

Mantém as características de vila operária (Figura 8), com pouco recuo de frente ou ausência dele, e possui semelhanças construtivas entre as casas. Atualmente é notável algumas alterações nas fachadas, criando uma identidade com o morador (Figura 9). Especificamente nesta vila, a maioria das casas pertence a família Ranza Tortuce. A vila possui 40 casa com lotes de aproximadamente 125 m².

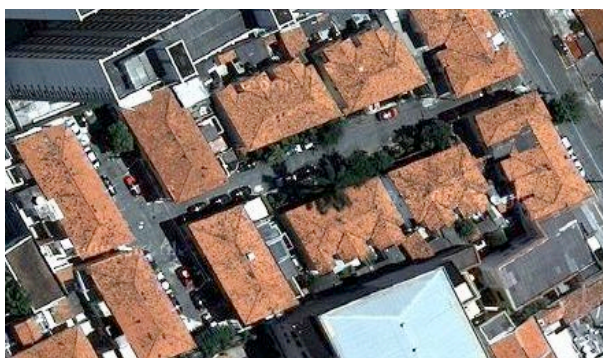


Figura 8



Figura 9

4.3 Rua Ranza Tortuce

A vila (Figura 10) possui 25 casas e os lotes variam entre 70 m² a 100 m². Não possuem recuos de frente e lateral, as casas possuem semelhança de ornamentos com algumas identidades diferenciadas (Figura 11). Antigamente esta vila era ligada com a da Rua Jorge Tortuce, mas por uma decisão dos moradores ela foi dividida.



Figura 10



Figura 11

4.4 Rua Ten. Henrique Gil Neto

Localizada a 31 metros de esquina da rua Humberto I, a vila (Figura 12) foi construída para dez famílias que vieram da Inglaterra para trabalhar na Tranway Light and Power Company Limited que eram proprietários do terreno. As casas não possuem recuos frontais nem laterais, e todas sofreram reformas internamente e externamente (Figura 13). A vila possui 11 casas, os lotes são de aproximadamente 125m² e o seu valor que a trinta anos atrás foi avaliado em 130.000 reais, hoje chega a 500.000 reais.

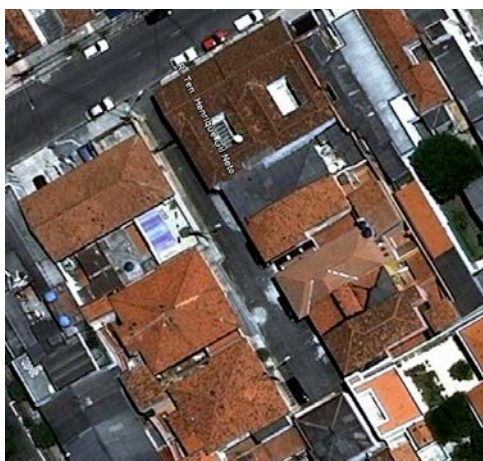


Figura 12



Figura 13

4.5 José Abrahão

Localiza-se na rua França Pinto próximo ao numero 490 (Figura 14). As casas não possuem recuos frontais nem laterais e o uso varia entre misto, residencial e comercial. Mantém características construtivas antigas, com elementos da arquitetura clássica como pilares e arcos. A rua interna é pavimentada com paralelepípedos, e o que mantém também suas características antigas (Figura 15). A vila possui seis casas no total.

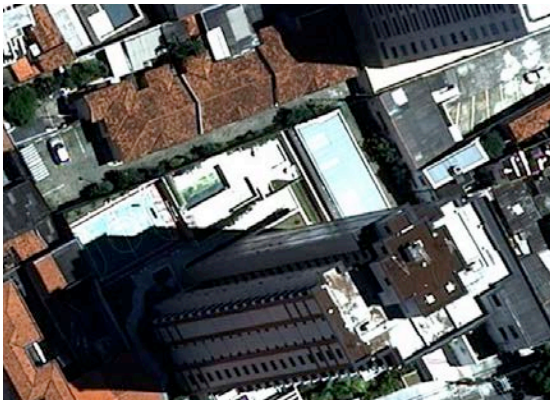


Figura 14



Figura 15

4.6 Rua Dr. José Fajardo

Localizada na Rua Morgado, a vila (Figura 16) possui 11 casas sem recuos frontais e laterais. As fachadas foram modificadas, com a reforma de caixilharias, e uso de ornamentos como as pedras (Figura 17). O valor do lote que a 20 anos atrás era 106.000 reais, hoje varia entre 550.000 a 600.000 reais.

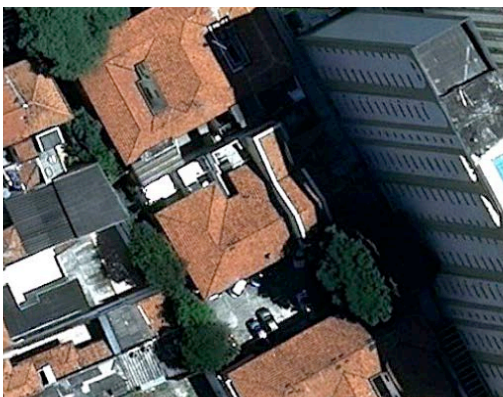


Figura 16



Figura 17

4.7 Rua 163

A vila pertence a uma família em particular, com um conjunto com cinco casas no total, com lotes de aproximadamente 200m² (Figura 18). As ruas são pavimentadas com paralelepípedo sem recuos frontal e lateral. As casas apresentam algumas transformações mais mantém em alguns aspectos sua arquitetura original (Figura 19).



Figura 18



Figura 19

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise do histórico, do inventário de vilas, das mudanças do traçado urbano do bairro mostrado nos mapas e da mudança radical de valor imobiliário das casas em vilas operarias, é possível concluir que essas moradias com propósito inicial de apenas abrigar o operariado das fábricas passou por etapas de desvalorização e valorização.

Com a ocupação horizontal atingindo o seu limite (em conclusão a partir da análise dos mapas de 1916 e 1951), e com o seguinte “boom imobiliário” atingindo a região, a área

começa a ser rapidamente verticalizada (Figura 20), aproveitando os grandes terrenos das antigas fábricas, e por vezes incluindo as vilas associadas a elas. As áreas de vilas operárias que foram mantidas ficaram desvalorizadas em relação aos novos edifícios residenciais.



Figura 20

Apesar do comprometimento da qualidade de vida nas vilas operárias, devido ao “sufocamento” dos grandes edifícios que ocupam os terrenos ao lado delas, dificultando a iluminação e ventilação além de tirar a privacidade, as pessoas continuam procurando esses locais como refugio do movimento cada vez mais intenso da cidade em busca de tranquilidade.

Estas vilas são hoje consideradas como um “oásis urbano”, justificando-se principalmente pela diferença de valores imobiliários que a 20 anos atrás era em torno de 106.000 reais o lote, e hoje varia entre 550.000 a 600.000 reais, segundo relato de moradores.

Em vista desta atual valorização das vilas, seria ideal uma maior preservação de sua qualidade, evitando que a especulação imobiliária continue a prejudicá-la.

Mutation in Workers Villages: the case of the villages in Vila Mariana

ABSTRACT

During the first quarter of the twentieth century, the neighborhood of Vila Mariana received many Italian immigrants who established small factories, specialized trade and services, because of knowledge brought in the luggage and grounded in the exploitation of opportunities, especially because of the Municipal Slaughterhouse.

To the small factories was added the construction of workers villages, in ensuring the working class to meet the needs of manpower in production. These villages have remained in almost original form, mostly as housing, trade or service after disabling the factory.

Today we found a significant number of areas comprised of villages or parts of them integrated into the existing road network in the neighborhood. These spaces create an internal "oasis" to the block, are sought by residents and professionals who seek quality of life in the tranquility of the interior of a block.

Key words: Workers Villages; Urban Configuration; Vila Mariana.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Jane Victal (Org.); FARRÃO, Mariana Uhrigshardt. Redefinição dos Significados nas Metrópoles. Estudo de Caso: o edifício do Matadouro da Vila Mariana. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CINETÍFICA DA PUC-CAMPINAS, 13., 2008, Campinas. **Anais...** Campinas: PUC-CAMPINAS, 2008. p. 1-2

INFOCIDADE. **Uso do Solo Predominante: subprefeituras do município de São Paulo.** São Paulo, 2008. 1 mapa, color. Escala indeterminável. Disponível em: <<http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/infocidade/index.php?sub=mapas&cat=17&titulo=Uso%20do%20Solo%20Urbano&subtit=%20-%20Mapas&mpgraf=1>>. Acesso em 16 de junho de 2010.

MASAROLO, Pedro Domingos. **O Bairro de Vila Mariana.** São Paulo: Patrimônio Histórico, 1971.

PASSOS, Maria Lúcia Perrone; EMÍLIO, Teresa. **Desenhando São Paulo: mapas e literatura 1877-1954.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2009.

PONCIANO, Levino. **Bairros Paulistanos de A a Z.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

